

TRADUÇÃO:
DA PONDERAÇÃO

[Von der Überlegung]

Tradução de **André Felipe Gonçalves Correia**felgorreia@hotmail.com<https://orcid.org/0000-0003-3426-0452>

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui Bacharelado, Licenciatura Plena e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Dedicou-se ao estudo das seguintes áreas: crítica à metafísica, hermenêutica filosófica, pensamento grego arcaico, romantismo alemão e história da filosofia. Vem desenvolvendo pesquisas e traduções no entorno dos discursos filosóficos de língua alemã, sobretudo nas obras de Hölderlin e do romantismo alemão em geral. Atualmente é editor adjunto da Revista Trágica - Estudos de Filosofia da Imanência (UFRJ). Membro fundador do GFGG (Grupo de Filosofia Greco-Germânica), cujo trabalho central consiste na publicação anual (em livro) da coleção Entre o Alvorecer Antigo e o Crepúsculo Moderno.

DOI: [10.25244/tf.v14i2.3707](https://doi.org/10.25244/tf.v14i2.3707)

Recebido em: 11 de Dezembro de 2021. Aprovado em: 16 de Janeiro de 2022

Caicó, ano 14, n. 2, 2021, p. 121-123
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v14i2.3707](https://doi.org/10.25244/tf.v14i2.3707)
Dossiê Nietzsche



UM PARADOXO¹

Se louva em todos os céus o benefício da ponderação; mormente a de sangue frio e vagarosa antes do ato. Se eu fosse um espanhol, um italiano ou um francês: isso pôr-se-ia, então, em debandada. Mas uma vez que sou um alemão, penso antes em proferir o seguinte discurso a meu filho, sobretudo para o caso de ele se decidir por ser soldado².

“A ponderação, saiba, encontra seu momento mais adequado após o ato, e não antes. Quando entra em jogo de antemão, ou mesmo no instante da decisão: parece, assim, apenas confundir, inibir e reprimir a força necessária para o agir, que brota do sentimento explêndido; em contrapartida, logo depois, quando a ação estiver concluída, pode-se dela fazer o uso que é dado propriamente ao homem, a saber, tornar-se consciente do que foi falho e frágil no processo e regular o sentimento para outros casos futuros. A própria vida é uma luta com o destino; e é o mesmo com o agir como com a contenda. No instante em que agarra seu oponente, o atleta não pode proceder de acordo com nenhuma outra consideração além da simples intuição instantânea; e aquele que quisesse avaliar quais músculos deveria empregar e quais membros pôr em movimento para vencer, infalivelmente tiraria a haste mais curta³ e seria derrotado. Mas depois, tivesse ele vencido ou estivesse deitado sobre o chão, pode ser oportuno em seu lugar ponderar acerca da pressão com a qual ele prostrou seu oponente ou acerca de qual perna ele deveria ter colocado para se sustentar corretamente. Quem não agarra a vida, como um tal contendor, e, com mil membros, não sente e percebe de acordo com todas as reviravoltas da luta, de acordo com todas as resistências, pressões, evasivas e reações: o que diz não será levado em conta em colóquio algum; muito menos em uma batalha.”⁴

¹ A primeira impressão deste texto se deu no dia 07 de dezembro de 1810, no jornal *Berliner Abendblätter*, publicado por Julius Eduard Hitzig e editado pelo próprio Kleist. O jornal teve uma curta existência: do dia 01 de outubro de 1810 até o dia 30 de março de 1811, ano em que Kleist viria a falecer. Nele foram publicados diversos textos do autor, incluindo *Sobre o teatro de marionetes*, de 12 a 15 de dezembro de 1810, em quatro episódios. A sua temática evoca, em tom de admoestação, a relação de anterioridade e posterioridade entre ação e ponderação. Quanto à presente edição, foi adotado o formato bilíngue: primeiramente a tradução em português e em seguida o texto original em alemão. O documento da edição alemã vale a nível de citação, ou seja, apenas para fins acadêmicos e não comerciais, sem qualquer intenção de desrespeitar eventuais direitos da editora ou do editor.

² Vale a pena lembrar do contexto histórico em que se encontrava Kleist, qual seja, o das invasões napoleônicas em territórios de língua alemã. O autor fazia parte daqueles que defendiam a rebelião armada contra as tropas francesas. Seu fervor político pode ser verificado no drama *A batalha de Hermann (Die Hermannschlacht)*, de 1808, e, sobretudo, no escrito *Catecismo dos alemães (Katechismus der Deutschen)*, destinado a ser publicado no ano de 1809 (o mesmo de sua composição) na revista *Germania*, planejada pelo próprio Kleist e por seu amigo Friedrich Christoph Dahlmann, os quais, com as esperanças patrióticas frustradas, acabaram por abandonar o projeto.

³ No original consta a expressão idiomática *den Kürzeren ziehen* (“tirar ou puxar o mais curto”, literalmente). Ela remonta às ocasiões jurídicas em que não se obtinha decisão acerca de uma questão legal. Para a solução do impasse, se utilizava, então, hastes ou canudos de tamanhos diversos. Perderia aquele que retirasse o mais curto dentre os que se ocultavam no caixote. O resultado era visto como um julgamento de Deus.

⁴ Seria oportuno aqui, a nível de conclusão, citar a seguinte passagem de *Catecismo dos alemães*, em que se verifica a mesma tônica de crítica aos compatriotas do autor (no contexto, de índole catequética, o filho desvela o “mau hábito” [*Unart*] dos alemães a pedido de seu pai, conforme outrora o ensinara): “Tu me disseste que o entendimento dos alemães, por intermédio de alguns professores astuciosos, recebeu uma sobrestimação; eles refletiriam, onde deveriam sentir ou agir, criariam poder tudo realizar mediante sua argúcia, e nada mais dariam à antiga e misteriosa força do coração” [*Der Verstand der Deutschen, hast du mir gesagt, habe, durch einige scharfsinnigen Lehrer, einen Überreiz bekommen; sie reflektierten, wo sie empfinden oder handeln sollten, meinten, alles durch ihren Witz bewerkstelligen zu können, und gäben nichts mehr auf die alte, geheimnisvolle Kraft der Herzen*] (KLEIST, Heinrich von. “Katechismus der Deutschen abgefaßt nach dem Spanischen, zum Gebrauch für Kinder und Alte”. Hrsg. von Siegfried Streller. In: *Werke und Briefe in vier Bänden* [Band 3]. Berlin und Weimar, 1978, S. 395).

EINE PARADOXE

Man rühmt den Nutzen der Überlegung in alle Himmel; besonders der kaltblütigen und langwierigen, vor der Tat. Wenn ich ein Spanier, ein Italiener oder ein Franzose wäre: so möchte es damit sein Bewenden haben. Da ich aber ein Deutscher bin, so denke ich meinem Sohn einst, besonders wenn er sich zum Soldaten bestimmen sollte, folgende Rede zu halten.

»Die Überlegung, wisse, findet ihren Zeitpunkt weit schicklicher nach, als vor der Tat. Wenn sie vorher, oder in dem Augenblick der Entscheidung selbst, ins Spiel tritt: so scheint sie nur die zum Handeln nötige Kraft, die aus dem herrlichen Gefühl quillt, zu verwirren, zu hemmen und zu unterdrücken; dagegen sich nachher, wenn die Handlung abgetan ist, der Gebrauch von ihr machen läßt, zu welchem sie dem Menschen eigentlich gegeben ist, nämlich sich dessen, was in dem Verfahren fehlerhaft und gebrechlich war, bewußt zu werden, und das Gefühl für andere künftige Fälle zu regulieren. Das Leben selbst ist ein Kampf mit dem Schicksal; und es verhält sich auch mit dem Handeln wie mit dem Ringen. Der Athlet kann, in dem Augenblick, da er seinen Gegner umfaßt hält, schlechthin nach keiner anderen Rücksicht, als nach bloßen augenblicklichen Eingebungen verfahren; und derjenige, der berechnen wollte, welche Muskeln er anstrengen, und welche Glieder er in Bewegung setzen soll, um zu überwinden, würde unfehlbar den kürzeren ziehen, und unterliegen. Aber nachher, wenn er gesiegt hat oder am Boden liegt, mag es zweckmäßig und an seinem Ort sein, zu überlegen, durch welchen Druck er seinen Gegner niederwarf, oder welches Bein er ihm hätte stellen sollen, um sich aufrecht zu erhalten. Wer das Leben nicht, wie ein solcher Ringer, umfaßt hält, und tausendgliedrig, nach allen Windungen des Kampfs, nach allen Widerständen, Drücken, Ausweichungen und Reaktionen, empfindet und spürt: der wird, was er will, in keinem Gespräch, durchsetzen; viel weniger in einer Schlacht.«

REFERÊNCIA

KLEIST, Heinrich von. "Von der Überlegung. Eine Paradoxe". In: **Werke und Briefe in vier Bänden** [Band 3]. Hrsg. von Siegfried Streller. Berlin und Weimar, 1978, S. 471-472.